

Atena
Editora
Ano 2021

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)



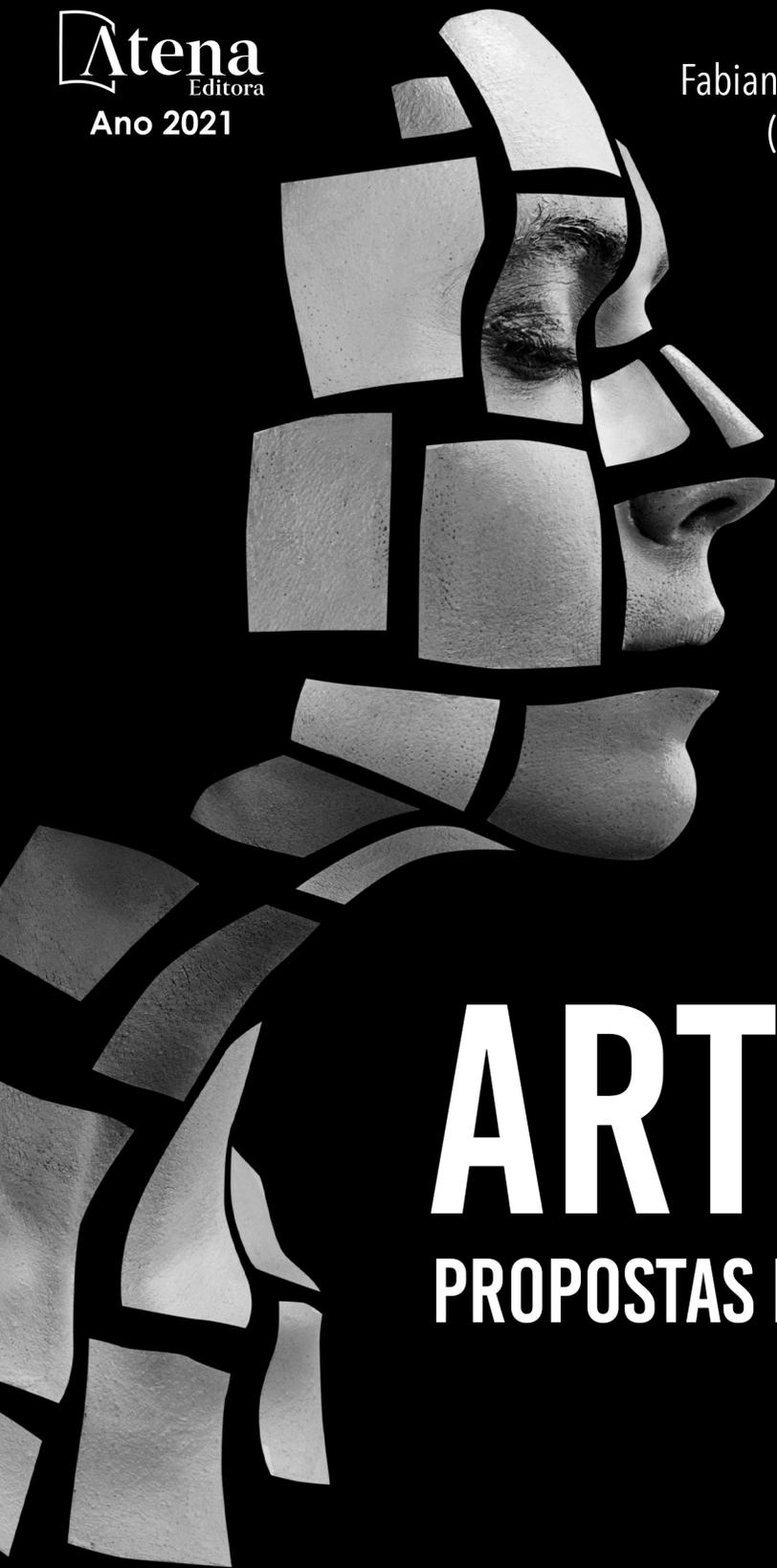
ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

2

Atena
Editora
Ano 2021

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)



ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

2

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Aleksandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Artes: propostas e acessos 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-840-3

DOI 10.22533/at.ed.403212302

1. Artes. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea “**Artes: Propostas e Acessos 2**” é uma obra que busca dar continuidade às discussões em torno do campo de conhecimento das Artes, e acolheu, por finalidade, estudos que possibilitaram aos leitores uma ampliação dos seus pensamentos e olhares sobre as diferentes perspectivas e abordagens que as artes têm acionado contemporaneamente (em espaços “formais” e “não-formais”).

Nesse sentido, a partir dessa secundarização e invisibilização de algumas áreas do conhecimento atualmente, como é o caso da arte, essa coletânea se mostra, sobretudo, como uma forma de articulação de diversos pesquisadores que buscam viabilizar discussões a fim de tencionar estratégias para uma valorização dessa área a nível nacional, pensada de forma crítica e coletiva.

Para tanto, esse segundo volume aborda, de maneira interdisciplinar, trabalhos e pesquisas de diferentes áreas do conhecimento que possuem como base questões acerca das artes (em seus diferentes dispositivos, formatos e suportes).

Inicialmente, têm-se contribuições que nos fazem refletir acerca do papel da arte-educação na sociedade, como ela nos auxilia na percepção e no entendimento do mundo que nos cerca. Em seguida, os textos abordam as artes sobre diferentes perspectivas, tais como: arquitetura, animações, pintura, cinema, mídia, música, e suas inter-relações, apontando, assim, para os leitores e leitoras as múltiplas facetas das artes e seus variados espaços de atuação.

Portanto, essa coletânea reúne textos oriundos de pesquisas acadêmicas, projetos de extensão, vivências com a arte, entre outros, que acionam o pensamento e abrem outras frentes para a compreensão das artes e as suas múltiplas atuações.

Ressaltamos ainda que, assim como posto pela organizadora da primeira edição Daniela Remião de Macedo, a publicação desta segunda coletânea de textos, concretizada no decorrer do percurso da pandemia da COVID-19 e em meio ao isolamento social é uma forma da arte, por meio dos artigos aqui apresentados pelos mais variados pesquisadores, ser apreciada, mesmo que de forma virtual, por diversas pessoas.

Ademais, sabemos o quão importante é a divulgação científica, sobretudo no campo das artes, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

A todos e todas, uma excelente leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO ESTÉTICA: ATOS ESTRUTURANTES PARA PERCEPÇÃO CRÍTICA DOS FENÔMENOS	
Valério Ramalho da Silva	
Leila Maria Camargo	
Rosangela Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.4032123021	
CAPÍTULO 2	16
ARTE E MEDIAÇÃO: UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA ATRAVÉS DA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA REFLETIR OS CONCEITOS DE ESCOLA E SOCIEDADE	
Vanessa Vieira de Almeida de Cerqueira	
DOI 10.22533/at.ed.4032123022	
CAPÍTULO 3	27
TERRA CRUA – ARQUITETURA VERNÁCULA NA PESQUISA ARTÍSTICA	
João Augusto Cristeli de Oliveira	
Joice Saturnino de Oliveira	
Juliana Gouthier Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.4032123023	
CAPÍTULO 4	36
PHASING LOOPS: ANIMAÇÕES INFINITAS	
Rodrigo Stromberg Guinski	
DOI 10.22533/at.ed.4032123024	
CAPÍTULO 5	49
PINTURAS MÁS: O DIAGRAMA	
João Miguel Faria Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.4032123025	
CAPÍTULO 6	60
ALEGORIA, ESTILO E REPRESENTAÇÃO DO FIM DO MUNDO EM <i>MELANCOLIA</i>	
Felipe Marconatto de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.4032123026	
CAPÍTULO 7	71
A TRANSCRIÇÃO NA PRODUÇÃO COMPOSICIONAL DE ERNANI AGUIAR	
Danielly de Souza Silva	
Maria José Chevitarese de Souza Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4032123027	

CAPÍTULO 8	86
ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS: A DESCONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO	
Carlos Alberto Faisca Fernandes Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.4032123028	
CAPÍTULO 9	97
ENSINO DA TÉCNICA E INTERPRETAÇÃO PIANÍSTICA: UMA ABORDAGEM COLETIVA E INDIVIDUAL	
Luiz Gabriel Cioffi de Melo	
Yuri Akira Cruz Prieto Hojo	
Alfeu Rodrigues de Araújo Filho	
DOI 10.22533/at.ed.4032123029	
CAPÍTULO 10	101
COLABORAÇÃO PIANÍSTICA: INFLUÊNCIA, ATUAÇÃO E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA O INSTRUMENTISTA ACOMPANHADOR	
Christian Diogo Cunha e Silva	
Damaris Esperque Avelino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.40321230210	
CAPÍTULO 11	107
ATIVIDADES MUSICAIS REMOTAS PARA A MANUTENÇÃO DOS ENSAIOS E APRESENTAÇÕES DO CORO ESCOLA UNIVERSITÁRIO DA UEM	
Andréia Anhezini da Silva	
Valdirene de Souza Mello Martins	
DOI 10.22533/at.ed.40321230211	
CAPÍTULO 12	111
NÁCAR MADRIGAIS: PROJETO INTERMÍDIA	
Adriana Gomes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.40321230212	
CAPÍTULO 13	127
O MUNDO PEQUENO DE UM FILME: A AUTO-OBSTRUÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO FÍLMICA	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.40321230213	
CAPÍTULO 14	141
RECORDAÇÃO E ESQUECIMENTO NAS VISÕES DE CHRISTOPHER NOLAN E MICHEL GONDRY	
Anderson Carlos Ribeiro de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.40321230214	
SOBRE O ORGANIZADOR	149
ÍNDICE REMISSIVO	150

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO ESTÉTICA: ATOS ESTRUTURANTES PARA PERCEPÇÃO CRÍTICA DOS FENÔMENOS

Data de aceite: 17/02/2021

Valério Ramalho da Silva

Universidade Estadual de Roraima
(UERR), Brasil,

Leila Maria Camargo

Universidade Estadual de Roraima.
Professora da Disciplina Currículo e Estudos
Culturais do Mestrado Acadêmico em
Educação

Rosângela Duarte

Universidade Federal de Roraima. Atua
como professora colaboradora no Programa
de Pós-graduação em Educação (Mestrado
Acadêmico) da Universidade Estadual de
Roraima.

RESUMO: O presente artigo tem por propósito discutir a contribuição da Educação Estética no currículo escolar. Desse modo, levantamos a seguinte questão: a educação estética, poderá contribuir para formação sensível, intelectual, moral e crítica dos estudantes? O projeto articulou-se, conforme uma perspectiva de educação estética; a partir dos atos estruturantes como: intuição-percepção, forma-matéria-conteúdo, essência e entendimento, para a compreensão dos fenômenos artísticos e socioculturais. No sentido de investigar e dar essas respostas, o presente estudo, possui um enfoque na Fenomenologia. O método fenomenológico não vai se limitar a uma descrição passiva, o objetivo é desvendar além da aparência. A pesquisa é

de natureza bibliográfica, foi realizada a partir das discussões, implicadas na investigação do campo curricular, tal como, campo de estudo do Currículo e Estudos Culturais. O referencial teórico tem aporte em autores como: Husserl (2005), Heidegger (1999), Baumgarten (1993), Kant (1974), Merleau-Ponty (1999), SCHILLER (2002), Ernst Cassirer (2011), dentre outros. Por isso, ao se discutir a importância da Educação Estética no currículo escolar, a proposta é contribuir para que o processo de aprendizagem do estudante, seja significativa diante dos fenômenos. Logo, a importância de intuir e perceber esses fenômenos é um exercício diário de tomar uma posição crítica e construtiva diante do mundo.

PALAVRAS - CHAVE: Educação Estética, Currículo, Fenomenologia, Percepção.

AESTHETIC EDUCATION: STRUCTURING ACTS FOR CRITICAL PERCEPTION OF PHENOMENA

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the contribution of Aesthetic Education in the school curriculum. Thus, we raise the following question: can aesthetic education contribute to the sensitive, intellectual, moral and critical formation of students? The project was articulated, according to a perspective of aesthetic education; from the structuring acts as: intuition-perception, form-content, essence and understanding, to the understanding of artistic and socio-cultural phenomena. In order to investigate and give these answers, the present study has a focus on Phenomenology. The

phenomenological method will not be limited to a passive description, the objective is to unveil beyond the appearance. The research is of bibliographic nature, it was carried out from the discussions, involved in the investigation of the curricular field, such as, field of study of the Curriculum and Cultural Studies. The theoretical reference has contributions from authors such as: Husserl (2005), Heidegger (1999), Baumgarten (1993), Kant (1974), Merleau-Ponty (1999), SCHILLER (2002), Ernst Cassirer (2011), among others. Therefore, when discussing the importance of Aesthetic Education in the school curriculum, the proposal is to contribute to the student's learning process being significant in the face of the phenomena. Therefore, the importance of intuiting and perceiving these phenomena is a daily exercise of taking a critical and constructive position before the world.

KEYWORDS: Aesthetic Education, Curriculum, Phenomenology, Perception.

1 | INTRODUÇÃO

A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nesta balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece do ruidoso mercado do século (SCHILLER, 2002 p. 22).

Friedrich Schiller (2002), ressalta, que a utilidade é vista aqui como um ente essencial para existência do homem, enquanto em dimensões contrapostas está a sensibilidade estética que nada pesa nessa balança 'inumano, que faz desaparecer o espírito investigativo das coisas como são em si. Logo, a educação estética, permeia nas mais diferentes nuances das manifestações culturais de brasilidade, que dá a identidade e a importância de pertencimento de cada estudante nesse país. Se não me identifico com o ²parixara, e não tenho uma empatia estética a esse fenômeno cultural, posso estar negando o que sou, por não conhecer a essência dessa dança-ritual milenar do povo ³wapichana de Roraima. Nisso reside a importância de uma educação estética na busca das essências primeiras para entender criticamente como a realidade é posta por meio das diversas ideologias.

Este ensaio teórico, vem discutir de que maneira a educação estética poderá proporcionar ao indivíduo uma percepção crítica dos fenômenos, como essência que reúne dialeticamente de forma intencional ou não, o homem, o mundo, o objeto e a significação das coisas em si. Fundamentado na fenomenologia e nos estudos dos filósofos: Husserl, Merleau-Ponty, Kant, Heidegger, Schiller e Baumgarten. A pesquisa é de natureza bibliográfica, foi realizada a partir das discussões, implicadas na investigação do campo curricular.

O projeto articulou-se, conforme uma perspectiva de educação estética; a partir dos

1 desprovido dos sentimentos de respeito, consideração, amor, generosidade etc. esperados dos seres humanos; desumano, cruel.

2 Parixara, dança que "simboliza claramente a identidade indígena em Roraima com uso de instrumentos específicos como tambores e chocalhos, danças com movimentos e ritmos que marcam os cantos e músicas tradicionais".

3 Wapixana é o nome de uma tribo indígena da família linguística aruaque, que habita o alto rio Branco, no estado de Roraima, na fronteira com a Guiana.

atos estruturantes como: intuição-percepção, forma-matéria-conteúdo, essência e juízo, para a compreensão dos fenômenos artísticos e socioculturais. Para esclarecer essas formas, utilizaremos os estudos de Kant, acerca da sensibilidade, definida na Crítica da Razão Pura, tendo como objeto a Estética Transcendental e do entendimento, isto é a capacidade de julgar e sintetizar os conceitos (categorias), na Analítica Transcendental. Bem como, a contribuição dos filósofos: Merleau-Ponty, Heidegger, Schiller, Baumgarten, Cassirer e Eagleton.

Diante disso, levantaremos alguns questionamentos acerca do verdadeiro propósito da Educação Estética no currículo escolar: o currículo do ensino de Arte, apresenta-se como uma maneira eficaz para trabalhar a educação estética dos estudantes? Será que a educação estética, forneceria por meio da percepção e do sentir, ler, compreender, interpretar as complexidades de informações e estímulos do mundo contemporâneo? O professor de arte se utiliza da estética para fundamentar e produzir, conhecimento e obras de artes, dos fenômenos que nos cercam? Quais aprendizagens são significativas a esses estudantes? Como eleger saberes que contribuam para o desenvolvimento dos sujeitos e que ao mesmo tempo façam sentido em suas práticas sociais?

Nossa estrutura metodológica está orientada a partir da pesquisa bibliográfica. Apresentamos este trabalho em três tópicos: o primeiro traz informações a respeito da proposta curricular para o ensino da arte e estética, no qual, levanta-se a questão desse conhecimento: a forma como este é selecionado, organizado e compreendido no currículo.

No segundo tópico, buscamos a compreensão das diversas abordagens epistemológicas sobre a estética, no qual tomamos como base alguns autores que contribuíram com seus estudos nesse campo: Baumgarten (1750), Kant (1788), Heidegger (1977) e Schiller (1795).

Para valorização do conhecimento curricular, citamos no terceiro tópico, os atos estruturantes para percepção dos fenômenos estéticos, em detrimento dos saberes elaborados e prontos. E tal desenvolvimento é baseado em conceitos essenciais para a compreensão dos fenômenos do mundo. A proposta é, pensar na construção de um currículo crítico, que ressalte as relações sociais, entendendo o mundo simbólico, não de forma passiva, tão arraigado no senso comum educacional, mas, com criticidade, interligando assim, diversas áreas do conhecimento.

Os resultados apontam que esses estudos, trazem importantes contribuições para pensarmos o currículo e o espaço escolar, enquanto lugar de acesso ao conhecimento.

2 | CURRÍCULO, ARTE E ESTÉTICA

Em muitas propostas curriculares de diversos sistemas de ensino, a estética é inserida apenas como um conceito separado do restante dos conteúdos de arte, as vezes este conceito se torna vazio sem significado, costuma-se conceituar estética dessa forma:

estética é um ramo da filosofia que tem por objeto o estudo da natureza, do belo e dos fundamentos da arte. Desse modo, como podemos conceituar a Estética? O que caracteriza estética não é simplesmente o estudo do Belo, pois, filósofos antigos já se debruçaram sobre a temática em muitas concepções.

Deste modo, Baumgarten (1993), define que: “A Estética (como teoria das artes liberais, como gnoseologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do *análogon* da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo. E vai além, quando aponta os propósitos de um ensino fundamentado na educação estética:

Entre outras possibilidades, a aplicação da estética artística, que se volta para o natural, tornar-se-á maior se: 1) preparar, sobretudo pela percepção, um material conveniente às ciências do conhecimento; 2) adaptar cientificamente os conhecimentos à capacidade de compreensão de qualquer pessoa; 3) estender a aprimoração do conhecimento além ainda dos limites daquilo que conhecemos distintamente; 4) fornecer os princípios adequados para todos os estudos contemplativos espirituais e para as artes liberais; 5) na vida comum, superar a todos na meditação sobre as coisas, ainda que as demais hipóteses sejam semelhantes (BAUMGARTEN, 1993, p. 95-96).

Quando se pensa educação brasileira, indagamos: a educação estética, poderá contribuir para formação sensível, intelectual, moral e crítica dos estudantes? A escola, a proposta curricular, a formação do docente, dará sustentação filosófica, epistemológica para desenvolver uma educação estética que seja significativa no ensino de Arte?

Conhecemos mais, quando a escola é repleta de sensações táteis, sonoras, visuais, olfativas, dimensões ocorrendo no espaço e tempo, festas culturais (folgado, boi bumbá, bumba meu boi, frevo, maracatu, congadas), científicas e tecnológicas, a adrenalina e o medo do ator personificado na sua experiência estética, a música interpretada brilhantemente pelo estudante. Mas, sem deixar de lado o significado de aprender, o porquê das coisas, trazer à tona o que é essencial, parte de si no coletivo, com criticidade.

Para responder estes questionamentos, temos inúmeras contribuições de teóricos que se debruçaram para elucidar os diversos problemas acerca dos fenômenos do mundo. Neste sentido, Merleau-Ponty destaca:

Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo. Se nós o fizéssemos, veríamos que a qualidade nunca é experimentada imediatamente e que toda consciência é consciência de algo. Este “algo” aliás não é necessariamente um objeto identificável. Existem duas maneiras de se enganar sobre a qualidade: uma é fazer dela um elemento da consciência, quando ela é objeto para a consciência, tratá-la como uma impressão muda quando ela tem sempre um sentido; a outra é acreditar que este sentido e esse objeto, no plano da qualidade, sejam plenos e determinados (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 26).

Merleau-Ponty, por meio de sua fenomenologia, destaca que a percepção das coisas do mundo, nem sempre é compreendida pela consciência, e que podemos nos enganar,

traídos pelo nosso senso comum, por isso a importância de uma educação estética para compreensão destes fenômenos. Neste sentido, Fischer (1987) expõe sobre a alienação, fragmentação e incapacidade do homem perceber, sentir e pensar criticamente as coisas produzidas pelo próprio homem, perde-se o ato de criar, e dar sentido e significado as coisas, por isso, a importância em desenvolver desde cedo uma consciência estética.

Em vista disso, por outro lado temos a questão do currículo: O que é importante o estudante conhecer e produzir em Arte? O que ensinar em Arte? Em que lugar fica a Educação Estética no currículo? Esses questionamentos estão permeados da relação de poder, e a escola é um território de luta, cujo currículo não é um elemento neutro neste campo de disputa pela hegemonia do poder. Diante disso, Young levanta a seguinte questão:

Há dois significados quando se diz que a teoria do currículo tem um *papel normativo*. Um deles refere-se às regras (ou normas) que orientam a elaboração e a prática do currículo; o outro refere-se ao fato de que a educação sempre implica valores morais sobre uma boa pessoa e uma “boa sociedade” – em outras palavras, para que estamos educando (YOUNG, 2014, p. 190-202).

Por isso, a educação estética seria um componente a mais, na medida em que age sobre os sentidos humanos, e, dessa maneira, educa, porque possibilita o sujeito conhecer as nuances dos fenômenos que permeiam sua realidade, fazendo da vida algo contextual, parte de si. Enfim, o mais importante desta proposta é que o estudante utilize a experiência estética para perceber que tipo de educação o poder hegemônico quer impor, por meio do currículo escolar, às classes populares, pois, trata-se de uma formação sobre um olhar individualista e limitado, que adentra e molda o ser humano.

3 | PRINCIPAIS ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A ESTÉTICA

Inicialmente, com o propósito, de não estender muito, a respeito das diversas abordagens filosóficas epistemológicas sobre a temática estética, abordaremos de maneira cronológica, de acordo com os estudos feitos e dos principais autores que versaram sobre as diversas questões acerca da estética.

Incumbe-se comumente a Alexander Baumgarten (1714-1762), o fato de apresentar, questões relacionadas a arte e do belo, ao ponto central da discussão filosófica. A abordagem dada por Baumgarten às indagações relativas à arte e ao belo propôs dar uma nova distinção à estética, antes tomada a uma depreciada índole sensível, não merecedora de maiores atenções por parte da reflexão filosófica, ficando sujeita a um estágio inferior e distante do pensamento racional. Baumgarten (1993), aproxima o âmbito reflexivo-racional da filosofia e a sensibilidade estética.

Ainda que, a intenção de Baumgarten a uma ciência do belo, seja incerta do ponto de vista teórico, sua tentativa de conciliação entre a reflexão e a estética é de grande

importância para Kant, pois, consolida seus estudos, como destaca Nunes:

Ao contrário dos juízos de conhecimento, os estéticos não se fundamentam em conceitos; ao contrário dos práticos, eles prescindem quer da existência real dos objetos que julgam, quer da apreciação do seu valor para a conduta moral, relacionando-se com a simples satisfação que nos causa o contemplá-los (NUNES, 1999, p. 22-23).

Contudo, é com Emmanuel Kant (1724 -1804), que a Estética, enquanto estudo filosófico e científico vai suscitar inúmeras discussões acerca da temática. Eagleton, destaca em Kant: a tentativa de superar a dicotomia entre sensibilidade e intelecto, enquanto forma de apreender os objetos da realidade empírica,

Kant retém a ideia da lei universal, mas descobre, agora, esta lei funcionando na estrutura mesma de nossas faculdades subjetivas. Esta “legitimidade sem uma lei” significa um hábil compromisso entre o mero subjetivismo, de um lado, e uma razão excessivamente abstrata, de outro. Para Kant, há uma espécie de “lei” atuando no juízo estético, mas é uma lei inseparável do caráter específico ou particular do objeto (EAGLETON, 1993, p. 22).

Neste sentido, Immanuel Kant, com a *Crítica da Razão Pura* (1788), na sua *Doutrina Transcendental dos Elementos*, assim como a *Crítica do Julgamento*, ou *Crítica do Juízo* (1790), que discute acerca do conceito do juízo estético – analisa o Belo através das categorias, não chega a formular uma teoria estética, mas, funda as bases epistemológicas que versam sobre este conhecimento, servindo assim, como referencial para os demais teóricos que se debruçaram sobre esta temática.

A obra de Schiller (1759-1805), em particular o conjunto dos estudos sobre a estética, oferece-nos uma significativa contribuição a teoria estética.

Schiller por meio da educação estética, complementa as ideias de Kant. Enquanto Kant em relação ao pensamento fez centrar o mundo sobre o sujeito. Schiller propõe a pessoa constituída ao mundo. Para isso, foi necessário que a filosofia kantiana tivesse favorecido os meios. Com o conceito de que a Beleza tem princípios na razão, Schiller desvela o belo como simples apreciação baseada na experiência empírica e propõe o belo enquanto forma objetiva, com leis próprias.

No campo fenomenológico, Martin Heidegger (1880-1976), não desenvolveu uma teoria específica sobre um tratado da estética. Entretanto, suas obras, “O ser e tempo” e “A origem da obra de arte”, contribui suficientemente, para conhecermos e apreendermos sobre os fenômenos artísticos. Heidegger propõem três conceitos para conceituar a “coisa”: a coisa como suporte de propriedade; a coisa como unidade de múltiplas sensações e a coisa como matéria enformada.

Nesse sentido, a proposta de uma educação estética, corrobora com os estudos feitos de Heidegger (1977), que logo de início determina que, para encontrar essência da arte, ou de qualquer outro objeto, devemos procurar a obra real e questionar à obra: o que

é? Como é? A resposta é que toda obra tem seu caráter de coisa. Assim, para a busca de um estudo fundamentado na estética, é necessário que se compreenda, o que a coisa é – e o que não é.

Ora, no pensamento de Merleau-Ponty, nos fornece um estudo repleto com bastante argumentos para questões a respeito da arte e da estética. Na sua, estética cabe esclarecer algumas especificidades presentes na sua filosofia, cuja essência é a percepção, sendo este um campo vasto para este estudo. Em seu livro principal, *A fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty inicia o estudo pela sensação – enfoca questões como imagem e representações culturais, aborda o estudo da linguagem, espaço, do corpo atuando pelo meio sensível, da motricidade, enquanto entes da percepção.

4 | ATOS ESTRUTURANTES PARA PERCEPÇÃO DOS FENÔMENOS ESTÉTICOS

Em muitas propostas curriculares de diferentes sistemas de ensino, a estética é inserida apenas como um conceito separado do restante dos conteúdos de arte, assim, este conceito se torna vazio sem significado. Desse modo, se idealiza o conceito de estética enquanto a sublimação do belo, incorporando qualidades do bem, da verdade e perfeição.

Entretanto, não temos aqui, a pretensão em afirmar que a estética resolverá todos as questões de aprendizagem, em face ao currículo de Artes. A proposta é, pensar na construção de um currículo crítico, que ressalte as relações sociais, entendendo o mundo simbólico, não de forma passiva, tão arraigado no senso comum educacional, mas, com criticidade, interligando assim, diversas áreas do conhecimento.

Diante do exposto, convém agora, expormos esse ensaio teórico, que versa sobre a importância dos atos que irão estruturar por meio de categorias, como perceber e compreender criticamente através da estética os fenômenos que se manifestam no mundo. Aliás, a definição de **ato estruturante** segundo Husserl é: a intencionalidade da consciência, e a manifestação do ser, tal sua capacidade de ser, justificando, assim, a construção do conhecimento.

Geralmente, no currículo do ensino de Arte, a estética nem sempre está presente como itinerário formativo na vida acadêmica do estudante. Neste sentido, cabe levantarmos algumas questões: será que a educação estética, forneceria por meio da percepção e do sentir, ler, compreender, decodificar as complexidades de informações e estímulos do mundo contemporâneo? A educação estética, poderá contribuir para formação sensível, intelectual, moral e crítica dos estudantes?

No sentido de investigar e dar essas respostas, o presente estudo, possui um enfoque na Fenomenologia. O método fenomenológico não vai se limitar a uma descrição passiva, o objetivo é desvendar além da aparência. O objetivo da Educação Estética, é reeducar o olhar do indivíduo, tanto para os fenômenos artísticos, e os de ordem sócio

político cultural. Rezende (1990), ainda destaca:

A atitude descritiva e o discurso a ela correspondente decorrem da "volta às próprias coisas" para redescobri-las num encontro original, anterior a todas as informações fornecidas pelas fontes secundárias e que, por isso mesmo, devem ser postas entre parênteses. Neste sentido, uma verdadeira descrição, supondo a consciência perceptiva, só pode ser feita por alguém que seja sujeito de seu próprio discurso e entre em contato com o mundo complexo tanto em sua constituição como em sua história (REZENDE, 1990, p. 18).

Assim, tomaremos como base desse estudo, a Fenomenologia de Edmund Husserl (1859–1938), nos apoiaremos na sua obra, *Investigações lógicas-Sexta Investigação*. E nessa busca de entender a coisa em si, Heidegger (1880-1976), nos auxiliará neste percurso com sua obra, *A Origem da Obra de Arte*. Convém também acrescentar outros autores que irão sustentar este estudo: Baumgarten (1993), Kant (*Crítica Pura da Razão e Juízo*), Merleau-Ponty (*Fenomenologia da Percepção*), Ernst Cassirer (*A Filosofia das Formas Simbólicas*), dentre outros.

O que define a Estética não é unicamente o estudo do Belo. Os grandes filósofos da antiguidade lidaram sobre o tema, mais no enfoque da beleza. Desse modo, quando se conceitua estética, geralmente a função que é mais atribuída, está relacionado a questão do gosto e do prazer, por uma coisa em si. E a definição mais comum, é que a estética é um ramo da filosofia que tem o objetivo o estudo da beleza (belo), e para muitos, associam com intervenções estéticas, ao culto da beleza corporal.

Entretanto, os grandes filósofos modernos, ao longo de seus estudos, conforme Baumgarten (1993), aproxima o âmbito reflexivo-racional da filosofia e a sensibilidade estética. Mas, foi Kant com a *Crítica do Juízo* (1790), que contribuiu decisivamente sobre as questões fundadas na experiência estética.

A abordagem sobre as questões estéticas, que Kant visa, é efetivamente o que se poderia chamar uma discussão fenomenológica, dada sob a forma de uma análise da experiência estética - do juízo estético ou juízo de gosto - na intenção de perceber, interpretar e compreender o que nela está envolvido. Este modelo de tratamento é o que Kant designa por crítica e, por isso, a reflexão kantiana sobre os obstáculos estéticos dá-se como uma *Crítica do Juízo Estético* ou crítica do gosto.

Posto isto, o que se pretende com este estudo, por meio do método fenomenológico, é argumentar que a Educação Estética, se utilizando de alguns atos estruturantes como: intuição-percepção, forma-matéria-conteúdo, essência e entendimento, possibilitaria buscar o conhecimento verdadeiro, acerca, tanto dos fenômenos artísticos, quanto do mundo natural.

4.1 Intuição-percepção pura do fenômeno

O que é intuição? segundo Houaiss (2009), significa, faculdade ou ato de perceber, discernir ou pressentir coisas, independentemente do raciocínio ou da análise. Neste caso,

é a porta da entrada, para sentirmos o mundo e depois entendê-lo. Tal intuição apenas acontece na proporção em que os objetos nos são dados. Nesse caso, a função do entendimento no processo do conhecimento é pensar os objetos dados na sensibilidade. A partir daí, transformar em categorias, para compreensão dos fenômenos.

Para Husserl, intuição e percepção estão intimamente ligadas, como ato ou a capacidade de intuir ou respectivamente de perceber o objeto. Nesse sentido, Dartigues (1992), destaca que:

Entre o discurso especulativo da Metafísica e o raciocínio das ciências positivas deve, pois, existir uma terceira via, aquela que antes de todo raciocínio, nos colocaria no mesmo plano da realidade ou, como diz Husserl, das “coisas mesmas”. Essa via já foi tentada por Descartes que busca para sua filosofia um fundamento inabalável, que é, como todos sabem, o “eu penso”, com o qual se dá inseparavelmente o “eu sou”. Eis aí o que Husserl chama “uma intuição originária” (DARTIGUES, 1992, p. 13-14).

Para a fenomenologia transcendental de Husserl, a redução fenomenológica viabiliza a intuição do fenômeno na sua pureza, quando um dado pleno se revela para a consciência. Antes de conhecer, intuimos ou percebemos as coisas, logo para alcançarmos o conhecimento das essências, é necessário a intuição, que Husserl chama de intuição *aidética*. Diferentemente, Kant aborda a experiência estética, fundamentada na intuição ou no sentimento dos objetos que nos satisfazem, independentemente da natureza real que possuem,

No currículo escolar, principalmente na disciplina de ensino da Arte, tal qual, na Educação Estética, se formos tomar como base, o que alguém deve aprender, intuir e perceber, nem sempre está relacionado a uma estrutura essencial de conhecer de fato os fenômenos, apreendendo realmente o que é o objeto em si, em termos sociais, culturais e político, assim, o que pode prevalecer são algumas ideologias, como a positivista, que se considera uma alternativa verdadeira para obter o conhecimento, o seu papel é conhecer os fatos e exprimir a realidade, normalizando sem emitir um juízo de valor.

Agora considere uma aula, na qual a experiência estética dos estudantes, no conteúdo de História da Arte, sobre a Catedral de Notre-Dame de Paris, se ele não possuir conhecimento sobre o tema, ele só vai intuir e perceber esta obra, no formato de uma igreja. Esta questão, se dá por meio da aparência primeira, do objeto, diante disso, é necessário fazer uma redução *eidética*, para o conhecimento se revelar. Assim, Merleau-Ponty (1999), destaca:

Trata-se da própria definição do fenômeno perceptivo, daquilo sem o que um fenômeno não pode ser chamado de percepção. O “algo” perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um “campo”. Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não pode ser dada a *nenhuma percepção*. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. Portanto, a pura

impressão não apenas é inencontrável, mas imperceptível e, portanto, impensável como momento da percepção (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24).

A exemplo disso, Merleau-Ponty (1999) ressalta, Se um fenômeno — seja por exemplo um reflexo — só se oferece a um de meus sentidos, ele é um fantasma, e só se aproximará da existência real se, por acaso, ele se tornar capaz de falar aos meus outros sentidos. Sobre uma pintura de Cézanne, Merleau-Ponty, salienta que a coisa, nem sempre dá uma resposta acerca da essência da coisa, a não ser que essa coisa faça parte da sua existência, enquanto unidade básica de entendimento:

Cézanne dizia que um quadro contém em si até o odor da paisagem. Ele queria dizer que o arranjo da cor na coisa (e na obra de arte se ela retoma totalmente a coisa) significa por si mesmo todas as respostas que ela daria a uma interrogação dos outros sentidos, que uma coisa não teria essa cor se não tivesse também essa forma, essas propriedades táteis, essa sonoridade, esse odor, e que a coisa é a plenitude absoluta que minha existência indivisa projeta diante de si mesma (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 427).

Para um currículo ser significativo, é necessário que haja uma “epoché”, sem negar a existência do mundo, a tarefa é, analisar as vivências intencionais da consciência. Moreira & Silva (2002) afirma, que o currículo é um campo cultural, como campo de construção e produção de significações e sentido, torna-se assim, um terreno central para transformação de poder.

4.2 Forma-matéria-conteúdo: essência e entendimento da realidade

A racionalização e robotização da sociedade pós-moderna, tende a fragmentar o que o homem, tem de melhor desde a pré-história, sua intuição e percepção. Assim, forma-matéria e conteúdo, são campos vastos para o estudo das essências, como entendimento das significações e relações de poder no mundo. A Educação Estética deveria dar conta em desenvolver uma compreensão acerca dessa temática. Porém, ou é pouco explorado, ou a profundidade destas questões impedi o docente em potencializar algo a respeito.

Nesse descompasso, o currículo escolar tem ficado indiferente às formas pelas quais a cultura popular e o universo midiático, têm constituído uma parte importante na construção de conhecimento na vida dos jovens.

Diante do exposto, suscitaremos algumas questões: o que é forma-matéria e conteúdo? Qual seria a função da forma-matéria e conteúdo, para a produção de conhecimento mediante a percepção dos fenômenos do mundo? Seria possível conhecer e reconhecer, que nesta atitude natural (senso comum), diante de um currículo escolar, privilegia a ideologia do poder hegemônico, em face as representações e significados da realidade?

Na Educação Estética, forma-matéria e conteúdo, são temas bastante explorados, neste campo do conhecimento. No sentido de fundamentar a pesquisa, utilizaremos como contribuição, o estudo de Kant, na sua Estética e Analítica Transcendental (Crítica da

Razão Pura), Ernst Cassirer (A Filosofia das Formas Simbólicas).

Tanto na estética ou em outras áreas do conhecimento, o ente é dado, por meio dos diversos aspectos formais. A fim de ilustrar, forma enquanto ideia, significação e representação de um objeto, tomemos por exemplo uma **camisa de uma marca famosa**. O que podemos inferir a respeito, e qual é a extensão desse objeto formal? Inferimos, um ou dois objetos? Podemos intuir, perceber e fazer uma redução fenomenológica acerca do objeto como é dado no seu aspecto formal?

Para muitos, é simplesmente uma camisa de marca, algo que vai me dá prazer, pois, neste produto é agregado uma noção de “beleza”. Diante destas considerações, para entendimento, utilizaremos as categorias de Kant, que se constitui possibilidade para emitirmos alguns juízos, interpretar e compreender os fenômenos, enquanto essências.

A fim de evidenciar, uma análise sobre forma-matéria e conteúdo, utilizaremos uma categoria: realidade-negação-limitação, diante da qualidade.

Utilizaremos a **camisa de uma marca famosa**, como exemplo deste ensaio teórico. Diante da proposição: **esta camisa é de uma marca famosa** - apesar de não está bem formulada, é intuído, percebido, que esta camisa é de poliéster, cuja logomarca, símbolo ou signo pertence a uma determinada empresa que produz este objeto, que se apresenta em forma de camisa. Desse modo, enquadra-se na primeira das categorias de qualidade, característica do que é real, o que realmente existe, função afirmativa do juízo.

Nesta perspectiva, tal o Currículo e a Educação Estética, em face, dos seus sujeitos, que constroem e desenvolvem os itinerários, para a construção do conhecimento, deveriam aprofundar essas questões. Cassirer, na sua obra a Filosofia das Formas Simbólicas (2011), destaca, que para atingir o conhecimento na sua totalidade, é necessário refletir sobre o objeto na sua essência de ser:

Isso apenas evidencia que a análise da “forma” teórica do conhecimento não pode persistir e, por assim dizer, se fixar em um estrato isolado do conhecimento, mas precisa ter sempre em vista a totalidade dos fatores que participam da construção do conhecimento, pois não apenas o reino dos conceitos científicos, dos conceitos “abstratos”, mas também a experiência “comum” é permeada por interpretações e significados teóricos. Assim, se a crítica transcendental quer revelar a estrutura do conhecimento objetivo, ela não deve limitar-se àquela “sublimação” intelectual da experiência nem à superestrutura da ciência teórica, mas precisa aprender a entender a subestrutura, o mundo da percepção “sensorial”, tanto como uma estrutura determinada e articulada de forma específica quanto como um cosmo intelectual sui generis (CASSIRER, 2011, p. 25).

Na verdade, a **camisa de uma marca famosa**, no seu aspecto formal, não se restringe a isso. A sua extensão, enquanto substância material é composta por **poliéster**. **Matéria: Poliéster** é uma categoria de polímeros que contêm o grupo funcional éster na sua cadeia principal. Apesar de existirem muitos poliésteres, o substantivo masculino «poliéster» como material específico refere-se ao polietileno tereftalato (PET), na sua composição química e

formal, por extensão, encontra-se o conhecido plástico.

Dessa maneira, a Educação Estética, teria esta responsabilidade, em desvelar por meio dos atos estruturantes do pensamento as essências das coisas. Quando indagamos, por meio da História da Arte, o caráter estético da Catedral de Notre-Dame de Paris, a resposta não deveria se resumir em: igreja construída no período da Idade Média, cujo estilo arquitetônico, e movimento artístico é o Gótico. Sendo assim, precisaríamos, ir ao cerne dessa proposição, enquanto evidência apodítica, indagando sobre sua materialidade e **conteúdo**, que simbolizou o esplendor do poder monárquico, religioso e das aspirações e necessidades da alta sociedade na Idade Média, tornando assim, a evidência um critério de verdade e certeza sobre as coisas.

Para Heidegger, em *A origem da Obra de Arte* (1999), no seu terceiro modo para compreender a coisa, a coisidade da coisa estaria em sua consistência, e em sua materialidade. A matéria se conjuga com a forma, resultando, assim, a firmeza e a consistência. Por conseguinte, para conhecermos a verdade, serventia do ente criado, Heidegger destaca que,

A origem do complexo matéria-forma encontra-se na essência do apetrecho, ou seja, no que é criado para ser utilizado. Isto porque é apenas quando o apetrecho vem-a-ser que surge a distinção entre forma e matéria. A forma determina a organização da matéria. Esta organização implica expressamente na escolha da matéria. Um cântaro, que levará água, deve ser feito de barro, e não de algodão; uma roupa deve ser feita de algodão, não de ferro. A utilidade, a serventia, é o traço fundamental do apetrecho, e esta serventia apresenta-se na separação entre a forma, que determina o objetivo do ente criado, e a matéria, que possibilita que o ente tenha serventia. Matéria e forma têm a sua raiz na essência do apetrecho (HEIDEGGER, 1999, p. 20).

O conhecimento não deveria se dar na superficialidade das coisas, atitude natural, é necessário termos uma atitude intencional consciente, frente ao fenômeno. A intencionalidade é a forma de lidar com problema imanente. Assim, depreendemos a seguinte questão: qual é o conteúdo da Educação Estética no currículo escolar? Compreendemos agora, de modo mais claro, a respeito da **forma e matéria** da **camisa de uma marca famosa**. Mas, e o seu **conteúdo**?

Por consequência, sobre os questionamentos anterior, a resposta poderia ser desvelada por intermédio da estética, não enquanto exaltação da forma, da beleza sublime, mas, o prazer pela verdade justificada. O conteúdo da estética, é o compromisso de buscar o conhecimento verdadeiro, dado através das essências puras.

Em relação a camisa **de uma marca famosa**, excetuando o seu aspecto formal e material. O que se agrega nesta coisa? Exploração, desigualdades sociais, alienação, senso comum, poder, violência simbólica, fetiche, prazer pelo “belo”. Neste sentido, na sociedade humana, a identidade do conceito e do fenômeno é a forma principal de ideologia. Desse modo, o que tende a prevalecer são as forças produtivas para o consumo, o conteúdo

dessas relações sociais é vencido, pelo senso comum, acomodação e a passividade diante dos fenômenos.

Na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a palavra estética, no campo artístico aparece 10 vezes: **referências estéticas** (três vezes) para designar a criação e expressão do objeto, **apreciação estética** (cinco vezes) tendo no seu objetivo, atribuir um valor estético ou moral de alguém ou algo. **critérios estéticos** (quatro vezes) para apreciar, criar e produzir objetos artísticos, fazendo assim, escolhas e distinções por meio de um conceito e determinações do objeto e **fruição estética** (duas vezes) do objeto artístico. Diante do exposto, indagamos, em que se fundamenta essas referências estéticas? O que é apreciar esteticamente um objeto artístico e cultural? E quais são esses critérios estéticos para apreciar, criar e produzir os objetos da arte e como fruir esses objetos?

Por essa razão, quando se questiona sobre a função da estética, constata-se a falta de uma definição. Desse modo, Baumgarten (1993) contribui, quando propõe dar uma nova distinção à estética, antes tomada a uma depreciada índole sensível, não merecedora de maiores atenções por parte da reflexão filosófica, ficando sujeita a um estágio inferior e distante do pensamento racional.

Nesse descompasso, a estética como está posta na BNCC, necessita de uma fundamentação epistemológica acerca desse conhecimento, para compreensão dos fenômenos do mundo. Nesse sentido, o que fazer para superar essa deficiência? Logo, citar a estética apenas como apetrecho do fazer artístico, não resolve essa questão. Desse modo, é necessário que a Educação Estética, não seja apenas descrição de um fazer, destituído da criticidade. Por isso, é indispensável questionar, investigar e refletir sobre o conhecimento construído e justificado em uma verdade não axiomática.

Por isso, ao se discutir a importância da Educação Estética no currículo escolar, a proposta é contribuir para que o processo de aprendizagem do estudante, seja significativa diante dos fenômenos. Logo, procurou-se entender e diferenciar por meio da estética, formas que em muitos momentos vêm carregado de ideologia. É necessário, sempre analisar criticamente as relações entre forma, matéria e conteúdo, enquanto entes fundantes do meio natural e cultural, dando a devida importância em fazer uma leitura mais aprofundada nas questões simbólicas e significativas desses atos estruturantes do conhecimento. Logo, a importância de intuir e perceber esses fenômenos é um exercício diário de tomar uma posição crítica e construtiva diante do mundo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, esse estudo vem ressaltar a importância da Educação Estética no currículo escolar do ensino de Arte, alicerçada em uma prática pedagógica de investigação crítica dos fenômenos, que questiona todo conhecimento produzido como bens culturais, na qual, a estética é totalmente desvirtuada de sua práxis, usada para fazer a função

de fetiche, perdendo a sua autonomia em relação ao real, tomada assim, por conteúdo justificado.

Assim, a estética ou arte que prevalece, é a que se utiliza na aparência para seduzir e estimular o consumo e exaltação do poder. Grandes empresas midiáticas, organizações governamentais e empresas privadas investem pesado na aparência formal dos objetos, criando assim, uma noção de beleza que seduz, encanta consumidores ou eleitores. Nossos “heróis e objeto de desejo” são fabricados dentro de uma concepção estética, em que a aparência da coisa em si, é mais importante que seu conteúdo. Por que não nos interessa, questionar a essência das coisas? Seu conteúdo verdadeiro?

Quiçá, seja a nossa a capacidade de não buscar as respostas, mas, achar prontas, herança reprodutivista cartesiana. Este estudo não se esgota aqui, há possibilidade de discutir melhor, a função da Educação Estética no seio da escola, enquanto possibilidade de desenvolver o conhecimento alicerçado em um critério de verdade, fazendo frente, a uma atitude natural, alienante em relação aos fenômenos do mundo e as múltiplas formas de poder.

REFERÊNCIAS

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb, 1714-1764. **Estética**. tradução de Mirian Sutter Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas III- fenomenologia do conhecimento**; tradução Eurides Avance de Souza. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2011.

DARTIGUES, André. (1973). **O Que é Fenomenologia?** Rio de Janeiro: Ed. Eldorado.

EAGLETON, Terry. **Ideologia da estética**. São Paulo: Jorge Zahar, 1993.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9.ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Ed.: Edições 70. Tradutora: Maria da Conceição Costa.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da obra de arte**. Trad. de Maria da Conceição Costa. Lisboa, Edições 70, 1999.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

Husserl, Edmund. (1996). **Investigações Lógicas**: 6ª. Investigação. São Paulo: Nova Cultural.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

KANT, Immanuel. (1974) **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela P. dos Santos & Alexandre F. Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A fenomenologia da percepção**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Antônio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. tradução de Maria Aparecida Baptista – 6 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

NUNES, B. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 1999.

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

YOUNG, Michael. **Teoria do currículo**: o que é e porque é importante. In: Cadernos de Pesquisa. V. 44, nº. 51, p. 190-202, jan./mar. 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animação 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48

Aprendizagem 6, 1, 7, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 88, 89, 91, 92, 93, 96, 103, 104, 105, 109, 129

Arquitetura 5, 6, 27, 44, 124, 130, 133

Artes 2, 5, 3, 4, 7, 16, 21, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 48, 50, 70, 85, 97, 105, 110, 113, 114, 115, 120, 130, 131, 139, 147

C

Cinema 5, 43, 48, 58, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 115, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 139, 146, 147

Composição 11, 37, 38, 48, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 89, 90, 114, 119, 127, 129, 134, 135, 136

Conservatórios de Música 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94

Contemporaneidade 18, 20, 62, 63, 68, 71, 95

Coral 78, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Criatividade 19, 29, 77, 78, 99, 128, 130, 131, 135

Crítica 5, 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 23, 24, 52, 61, 68, 78, 97, 98

Cultura 10, 15, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 36, 45, 63, 95, 136, 147

Currículo 1, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 24, 25

D

Desenvolvimento 3, 20, 24, 37, 74, 92, 93, 97, 98, 99, 104, 105, 107, 110, 111, 128, 129, 132

E

Educação 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 86, 87, 88, 91, 92, 95, 96, 99, 105, 147

Educação Estética 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Educação Musical 86, 87, 95, 96

Ensino Coletivo 7, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98

Ensino Especializado de Música 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94

Escola 6, 7, 4, 5, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 85, 95, 105, 106, 107, 108, 139

Estilo 6, 12, 61, 64, 66, 67, 98, 104, 135, 145

Exibições 38, 44

Experiência 5, 6, 8, 9, 11, 16, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 35, 43, 46, 63, 64, 95, 96, 100, 107, 108, 127

F

Filme 7, 42, 48, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 126, 128, 132, 133, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

I

Interpretação 7, 16, 18, 19, 62, 66, 67, 72, 77, 78, 84, 97, 98, 104, 114, 117, 118, 119, 120

L

Linguagem 7, 16, 18, 20, 23, 24, 40, 55, 59, 61, 95, 119, 123, 128

M

Mediação 6, 16, 17, 18, 25, 26, 55, 63

Memória 29, 36, 66, 74, 108, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Métodos Pedagógicos 86, 88, 92, 94, 95

Mídia 5, 39, 115, 123, 147

Música 5, 4, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 114, 115, 120, 122, 131, 136

P

Pandemia 5, 106, 107

Percepção 5, 6, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 18, 28, 29, 67, 87, 99, 134, 141, 145

Pesquisa Artística 6, 27

Pintura 5, 10, 33, 39, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 59, 64, 65, 67, 71

Pluralismo 50, 51

Poética 33, 113, 135

Possibilidades 4, 18, 22, 23, 28, 31, 57, 65, 74, 96, 127, 130, 147

Práticas Pedagógicas 89, 94

Produção 6, 10, 18, 19, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 41, 44, 57, 64, 72, 78, 81, 82, 84, 100, 106, 108, 114, 115, 119, 127, 128, 133, 134, 135, 136

R

Representação 6, 11, 28, 30, 35, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 65, 67, 68, 95, 128, 129

S

Sensação 7, 52, 59, 66, 67, 128, 129, 134, 145

Sociedade 5, 6, 5, 10, 12, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 61, 62, 68, 69, 70, 75, 103, 107, 140, 147

T

Técnica 7, 33, 35, 37, 38, 52, 59, 68, 69, 73, 74, 77, 78, 92, 93, 97, 98, 99, 103, 104, 108

Tecnologias Digitais 16, 18, 20, 21, 22, 24

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

2